

**BARBÁRIE E HERESIA: UMA PERSPECTIVA RELIGIOSA PARA O  
ESTUDO DA HISTÓRIA DAS GUERRAS – SÉCULO VI**

**BARBARISM AND HERESY: A RELIGIOUS PERSPECTIVE TO STUDY OF  
HISTORY OF THE WARS IN THE SIXTH CENTURY**

Renato Viana Boy<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo

---

**Resumo:** A *História das Guerras*, de Procópio de Cesareia (490-562), narra as guerras promovidas pelo imperador bizantino Justiniano, visando à restauração dos antigos domínios imperiais no Mediterrâneo. Nessas narrativas, o historiador apresenta fundamentos ideológicos que justificam as ações militares do império. Entre eles, está o fato de os antigos territórios romanos estarem então sob domínio bárbaro e estes romperem com uma unidade romana. Um elemento fundamental na constituição dessa unidade estava no pertencimento da população à religião cristã, livre de práticas heréticas. Assim, a luta contra os bárbaros apresentava também um aspecto de defesa do cristianismo contra outros tipos de culto, em especial, o arianismo. A proposta aqui é analisar como Procópio articula uma aproximação entre os conceitos de *barbarie* e *heresia* na *História das Guerras*, justificando as campanhas de Justiniano como o ataque de um Império cristão a populações bárbaras e heréticas.

**Palavras-chave:** Procópio; Heresia; Barbárie

**Abstract:** The *History of Wars*, by Procopius (490-562), relates the wars waged by the Byzantine emperor Justinian, for restoration of the ancient imperial territories in the Mediterranean. In these narratives, the historian shows ideological underpinnings to justify military actions of the Empire. For example, the ancient Roman territories were subjugated for the barbarians, who broke with the Roman unit. A key element in the constitution of this unit was on the population belonging to the Christian religion, freedom of heretical practices. Thus, the fight against the barbarians also presented an aspect of the defense of Christianity against other types of worship, Arianism especially. Our goal is to analyze how Procopius articulates a connection between the concepts of *heresy* and *barbarism* in the *History of Wars*, justifying the campaigns of Justinian as an attack of the Christian Empire counter to heretical barbarian populations.

**Keywords:** Procopius; Heresy; Barbarism

---

Recebido em: 10/12/2010

Aprovado em: 02/02/2011

---

<sup>1</sup> Bolsista CNPq. E-mail: renatoboy@usp.br.

## Apresentação

A obra *História das Guerras*, escrita por Procópio de Cesareia (490-562), propunha-se a narrar as campanhas militares promovidas pelo imperador bizantino Justiniano, visando à restauração dos antigos domínios imperiais romanos na Pérsia e regiões do Mediterrâneo. Nessa obra, Procópio apresentou argumentos que legitimaram ideologicamente essas ações militares. Dois entre esses argumentos têm maior destaque em sua escrita. Primeiro, o fato de estes territórios terem sido tomados dos romanos por povos ditos “bárbaros”, num processo culminado com a “Queda de Roma”. O segundo, o qual pretendemos analisar aqui, articula as lutas pela reconquista do poder imperial e manutenção da unidade romana no Mediterrâneo, com a preservação de uma fé cristã livre de práticas tidas como heréticas.

Quando falamos do Império Romano ou dos romanos no período da Antiguidade Tardia, estamos nos referindo ao império historiograficamente conhecido como *Bizantino*, a parte oriental da antiga Roma, de tradição grega. Preferimos essa nomenclatura em nosso trabalho por entendermos que os contemporâneos de Justiniano e Procópio de Cesareia (cuja obra se constitui na fonte principal deste estudo) não chamavam a si próprios por *bizantinos*, mas por *romanos*.<sup>2</sup> A referência ao termo *Império Bizantino* como algo diferenciado em relação à antiga Roma é uma construção historiográfica ocidental posterior que encontra seus primeiros registros na Europa do século XVI.

Na *História das Guerras*, nossa principal fonte neste estudo, Procópio referia-se ao seu império apenas como “Romano”. Na obra, o termo *Bizâncio* (Βυζαντιου) aparece como referência à capital, Constantinopla, como, por exemplo, quando diz respeito ao Senado como Βυζαντιου Βουλευτηριω (Senado bizantino).<sup>3</sup> Além disso, a política imperialista de Justiniano, visando à recuperação dos antigos domínios no Mediterrâneo, nos dá conta da ideia da restauração de uma unidade imperial propriamente romana, da restauração de um império universal, e não de um novo império se sobrepondo ao Ocidente.<sup>4</sup> Por esse motivo, ao nos referirmos aqui ao império governado por Justiniano como *Romano*, o faremos mantendo a denominação presente na fonte, não excluindo a possibilidade da nomenclatura *Bizâncio*, como sugere a maior parte da bibliografia.

Conhecer melhor esse período da história romana é fundamental para nosso trabalho, não apenas por ter sido nele que Procópio de Cesareia concebeu sua produção historiográfica, mas também porque foram os acontecimentos

---

<sup>2</sup> POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 44-45.

<sup>3</sup> PROCOPIUS, *De Bello Gothico* V, v. 19.

<sup>4</sup> Sobre a ideia de “império universal” e política “imperialista” de Justiniano. OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. p. 83.

decorridos sob Justiniano que serviram ao historiador como os principais objetos de suas narrativas. Nesse sentido, uma discussão sobre as diferentes visões do período tem sua importância aqui não apenas por se tratarem de estudos referentes aos acontecimentos narrados na *História das Guerras*, mas também por permitir-nos apreender, de maneira mais crítica, tanto o modo de inserção de Procópio junto aos acontecimentos por ele narrados, quanto as formas pelas quais o historiador tratou de abordar o seu objeto.

O governo de Justiniano é historiograficamente conhecido não apenas por ter sido um período de peste, terremotos e, segundo J. A. S. Evans, pela sensação de que o fim do mundo estivesse próximo<sup>5</sup>, mas principalmente pelas audaciosas pretensões de conquistas político-militares do imperador. Desde os primeiros anos de seu governo, Justiniano se preocupava em colocar em prática um ousado projeto para trazer de volta aos domínios romanos seus antigos territórios. Trata-se de regiões que pertenceram ao império até o século III e que, nos dois séculos seguintes (no “Baixo Império”), foram perdidas para os povos ditos “bárbaros” (germanos, godos, vândalos, persas). Ao chegar ao poder em 527, sucedendo seu tio Justino (518-527), Justiniano encontrou as fronteiras do seu Império reduzidas ao Oriente grego e à Ásia Menor.<sup>6</sup>

Para Averil Cameron, as pretensões de expansão das fronteiras eram apenas parte de um projeto imperial ainda mais amplo, buscando a restauração de todo um passado glorioso, que se desdobrava em questões de cunho intelectual, artístico, jurídico e religioso.<sup>7</sup>

Para o sucesso de tal empresa, o imperador enviou seus exércitos contra os persas em 527, confiando o comando das tropas a Belisário, um destacado general do Oriente. Já no Ocidente Mediterrâneo, a primeira das conquistas imperiais narradas na *História das Guerras* foi a do norte da África, em 534. No ano seguinte, iniciou-se uma campanha contra os ostrogodos na Península Itálica, onde, só depois de quase vinte anos de combates, o estrategista Narsés comandou a vitória sobre a resistência inimiga. Após esse longo período, o norte da África, a Itália e parte da Península Ibérica voltavam a pertencer, pelo menos temporariamente, ao Império Romano.<sup>8</sup>

Para Georg Ostrogorsky, essa “política restauradora” do imperador seria motivada, em grande medida, pelo que o autor considerou uma “eterna

---

<sup>5</sup> EVANS, J. A. S. *The Age of Justinian*. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996. p. 1.

<sup>6</sup> OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. p. 83.

<sup>7</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. pp. 18-19.

<sup>8</sup> OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. pp. 84-85. Sobre as chamadas Guerras de Reconquista, de Justiniano, ver também Michael Mass, *Age of Justinian*. Cambridge, 2005, John F Haldon, *Byzantium in the seventh Century*. The Transformation of a Culture. Cambridge University Press, 1997, EVANS, J. A. S. *op. cit.*

nostalgia” dos romanos na ideia de um Império universal.<sup>9</sup> Para Charles Pazdernik, o objetivo de Justiniano de restabelecer o poder romano sobre suas antigas possessões era apenas parte de um ideal ainda mais amplo, que buscava não apenas a retomada de territórios, mas de todo um passado grandioso e uma identidade romana comum, “livre” da submissão a um governo bárbaro inimigo.<sup>10</sup> Walter Goffart sublinha que os historiadores da Antiguidade Tardia observavam que, desde a segunda metade do século V, crescia uma hostilidade da população de Constantinopla contra os bárbaros, o que teria fundamentando ideologicamente as campanhas de Justiniano.<sup>11</sup>

Nessas campanhas, junto às tropas imperiais, seguia o historiador Procópio de Cesareia. Nascido na Palestina, Procópio tornou-se conselheiro do general Belisário. Sua produção historiográfica é marcada por três grandes obras, classificadas por Averil Cameron em três estilos distintos de escrita: o panegírico *Das Construções* (do latim *De Aedificis*, e do grego *Peri Ktismaton*), referente ao programa das construções do governo imperial; uma segunda de injúrias, intitulada *História Secreta* (*Historia Arcana* em latim e *Anekdotia* em grego), contendo severas críticas ao casal imperial Justiniano e Teodora, e à Belisário e sua esposa Antonina; e uma terceira, em estilo clássico, intitulada *História das Guerras* (*Polemon* em grego, e *De Bellis* em latim).<sup>12</sup> É sobre esta última que discorreremos neste trabalho. Trata-se, nas palavras de Charles Pazdernik, de uma monumental história política e militar, em que são relatadas essas campanhas dos exércitos de Justiniano contra os persas, vândalos e góticos.<sup>13</sup>

Estando presente em muitas das campanhas imperiais no norte da África e na Itália, o historiador teria testemunhado boa parte dos combates que se propôs a descrever. Esta obra fora dividida em três partes: dois volumes dedicados à *Guerra Persa*, outros dois à *Guerra Vândala* e três à *Guerra Gótica*. No oitavo e último volume, Procópio retomou questões referentes às três grandes guerras.

Os oito volumes da *História das Guerras* foram todos publicados aproximadamente no ano 550, embora a ordem em que se apresentam não seja aquela nas quais foram escritas, ou mesmo a sequência cronológica dos fatos.<sup>14</sup> As guerras foram aqui apresentadas separadamente umas das outras, embora

---

<sup>9</sup> OSTROGORSKY, Georg. *op. cit.* p. 83-84.

<sup>10</sup> PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. *Transactions of the American Philological Association*. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187.

<sup>11</sup> GOFFART, Walter. *Barbarians and Romans*. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980. p. 34.

<sup>12</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 16.

<sup>13</sup> PAZDERNIK, Charles F. *Op. cit.* pp. 149-187. p. 149.

<sup>14</sup> EVANS, J. A. S. Justinian and the Historian Procopius. *Greece & Rome*. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970). p.221.

elas tivessem se sobreposto no tempo. Sua escrita segue o modelo dos clássicos gregos, Heródoto, ao descrever os grandes acontecimentos de sua época para que não fossem esquecidos e, remetendo à Tucídides, escreve sobre eventos dos quais teria conhecimento pessoal, uma vez sua posição de testemunha visual era parte da estrutura comandante das campanhas.<sup>15</sup> Pela proximidade do historiador não apenas com o general Belisário, mas também com o próprio imperador, suas narrativas se tornaram uma das principais fontes para o conhecimento da história política e militar bizantina do século VI.

Entre os volumes da *História das Guerras*, nos concentraremos neste trabalho na análise da *Guerra Gótica* e, em menor escala, na *Guerra Vândala*. Tal escolha se deve ao fato de serem esses os volumes nos quais Procópio narrou a gradual perda do poder dos romanos em favor dos povos bárbaros no Mediterrâneo. Essas narrativas são de grande importância na obra, uma vez que o historiador baseou suas justificativas para as campanhas de Justiniano, no século VI, a partir tanto das descrições da perda do poder imperial na cidade de Roma, em 476, quanto no fato de, desde então, esses antigos domínios terem passado às mãos de governos caracterizados como *bárbaros*.

Nesse projeto imperial, um fator merecerá de nós especial atenção. Trata-se da estreita ligação dessa política militar de expansão territorial e restabelecimento de uma Roma grandiosa com a defesa do culto cristão em relação a práticas consideradas heréticas pelos romanos. A presença e a importância que a religião cristã assumia na cultura romana do período é ressaltada, por exemplo, em trabalhos como os de Peter Brown. O historiador afirma que, no século VI, os romanos de cultura grega consideravam-se membros de uma comunidade totalmente cristã.<sup>16</sup> Segundo Brown, antes mesmo da elevação do cristianismo à religião oficial do Império, Ambrósio, bispo de Milão (338–397), já esperava de seus leitores essa associação do termo “bárbaro” com o “herético”, e vice-versa.<sup>17</sup>

Na *História das Guerras*, Procópio discorreu constantemente sobre questões ligadas à religião e à crença no Deus cristão. Em várias passagens, é possível encontrar o historiador fazendo referências à atuação de uma intervenção divina sobre os eventos por ele testemunhados. Na *Guerra Vândala*, por exemplo, Procópio afirma: τα γαρ το θεου ες βουλην ηκονταουκ αν δυναιτοανθρωπου γνωμεκωλυτα ειναι. “Para o que tem sido decidido por Deus nunca pode ser impedido por uma decisão do

---

<sup>15</sup> Sobre essa ligação entre os modelos de Tucídides e Heródoto com o de Procópio, ver J.A.S. EVANS, *Op. cit.* p. 219, MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauro, SP: EDUSC, 2004. p. 74. BROW, Peter. *O fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. p. 147, 189.

<sup>16</sup> BROWN, Peter. The Later Roman Empire. *The Economic History Review*, vol. 20, n. 2, 1967. p. 332.

<sup>17</sup> *Ibid.* p. 331. Ver também, do mesmo autor, *O fim do Mundo Clássico*, p. 133.

*homem*".<sup>18</sup> Procópio indicou ainda o caminho para que o exército romano conquistasse a proteção divina nos combates:

“η τε γαρ του θεου ξυμμαχια τοις τα δικαια προτεινομενοις προσγινεσθαι πεφυκε, και στρατιωτης τω κρατουντι δυσπους ανδραγαθιζεσθαι ουκ επισται.”

“Pela aliança com Deus seguem naturalmente aqueles que propõem a justiça, e um soldado que é mal-disposto para seu governante não sabe como se tornar um bravo homem.”<sup>19</sup>

Essa parece ter sido também a crença de Belisário à frente das campanhas. No trecho abaixo, Procópio descreve um discurso do general ao exército:

υμεις δε, οι πολλακις μεν νενικηκατε πολεμιους ουτε τοις σωμασιν ελασσουμενους και προς ανδριαν ικανως πεφυκοτας, πολλακις κε των εναντιων εν πειρα γεγενησθε, ουκ αγνοειτε, οιμαι, ως μαχονται μεν εξ εκατερας αι στρατιας ανθρωποι, βραβευει δε ο θεος οπως ποτε αυτω δοκει και το του πολεμου διδωσι κρατος. οτε τοιουν ταυτα ουτως εχει, την τε του σωματος ευεξιαν και την εν τοις οπλοις επιμελειαν και την αλλην του πολεμου παρασκευην περι ελασσονος προσηκει του τε δικαιου και των εις θεον ηκοντων ποιεσθαι.

Mas vocês, que muitas vezes têm conquistado um inimigo não inferior a vocês pela força do corpo e bem dotado de valor, vocês que têm muitas vezes tentado sua força contra seus oponentes, vocês, eu penso, não são ignorantes que, enquanto são homens que sempre fazem o combate em ambos os exércitos, é Deus quem julga o combate como parece melhor para Ele e confere a vitória na batalha. Agora, assim sendo, é apropriado considerar boas condições físicas, práticas em armar e todas as outras provisões da guerra menos convenientes que a justiça e as coisas que pertencem a Deus.<sup>20</sup>

Constantes referências ao culto cristão ao longo de toda a obra nos indicam que Procópio relacionava em sua escrita a ideia de pertencimento ao mundo romano do século VI, com o pertencimento a uma comunidade cristã de tradição conciliar.

---

<sup>18</sup> PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III, iv. 9.

<sup>19</sup> PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III, xix. 6.

<sup>20</sup> PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. III. xii. 13-14.©

Em contrapartida, formas de culto não ortodoxas, como o tipo ariano, praticado pelos godos na Península Itálica, tornavam-se cada vez mais parte integrante de uma identidade bárbara visigótica.<sup>21</sup> A caracterização do arianismo como heresia é apresentada categoricamente por Procópio. O historiador afirmava que o rei visigodo Amalarico seguia a “heresia de Ário” (αἵρεσιν αὐοῦς τὴν Ἀρειο εἰχῶν), em contraposição a sua esposa, de “fé justa” (δοξὴς γὰρ ὀρθῆς).<sup>22</sup> Assim, é possível percebermos que, para Procópio, as antigas possessões imperiais estariam, naquele momento, sob domínio de governos caracterizados como *bárbaros* e, conseqüentemente, *heréticos*, por conta de sua fé ariana.

Percebemos também que as descrições e caracterizações feitas por Procópio dos povos bárbaros parecem ter uma função junto aos leitores da *História das Guerras*: desqualificar os seus adversários e, de alguma forma, justificar os ataques de Justiniano a esses povos. Nesse sentido, o que Procópio apresentou como um discurso contrário ao elemento bárbaro viria a se tornar, em sua obra, um argumento fundamental em favor de uma intervenção imperial nas regiões do Mediterrâneo.

Nesse breve texto, propomos uma análise historiográfica, a partir de passagens da *Guerra Vândala* e, principalmente, da *Guerra Gótica*, nas quais Procópio de Cesareia se utilizou de um argumento de natureza religiosa para caracterizar os godos como inimigos do Império e, por isso, um povo a ser combatido no século VI: o seu pertencimento ao culto ariano, tido pelos romanos como herético. Disso resultaria uma articulação, presente na narração de Procópio, na qual se observa uma forte relação entre os conceitos de *bárbaro* e *herético*. A partir dessa perspectiva, uma vitória romana frente aos godos poderia ser entendida também como uma vitória de um Império cristão sobre exércitos heréticos arianos.<sup>23</sup>

A proposta é analisar como Procópio articulou esses dois conceitos na *História das Guerra*, partindo de suas descrições da *barbárie* como construção de uma identidade étnica. Tal construção pode ser situada historiograficamente, a partir da ótica de um historiador romano em relação a outras *ethne*. A palavra etnicidade tem sua raiz no grego *ethnos* (ἔθνος), termo que pode ser traduzido

---

<sup>21</sup> GEARY, Patrick. *O mito das nações*. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005 p. 121.

<sup>22</sup> PROCOPÍUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 10. A expressão grega δοξὴς ὀρθῆς foi traduzida para o inglês como “orthodoxy faith”, na versão bilíngue grego-inglês com a qual trabalhamos nesta pesquisa. Entretanto, com essa expressão, Procópio se referia apenas a um tipo de culto considerado por ele e pelos cristãos da Sé de Constantinopla como o “correto” ou “justo”, utilizado em oposição à expressão Ἀρειοῦ δοξῆς (fé ariana), considerado herético e, dessa forma, desviante da δοξὴς ὀρθῆς.

<sup>23</sup> Segundo Ostrogorsky, para o imperador, o universalismo romano coincidiria com o cristão, ressaltando a constante intervenção deste na estrutura eclesiástica de Constantinopla. OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. p. 90.

como “nação”, ou ainda “povo”<sup>24</sup>. Para o estudo da construção de elementos de uma identidade bárbara em Procópio, seguiremos a proposta de Walther Pohl. Para esse historiador, uma estrutura étnica não é algo inato, um fenômeno objetivo, formado biologicamente e determinado pela natureza, mas sim o resultado de práticas étnicas que reproduzem os laços que mantêm um grupo unido.<sup>25</sup> Por isso, as descrições dos bárbaros na *História das Guerras* serão tomadas como resultantes de uma construção historiográfica, relacionadas a uma dinâmica política e social, produto do momento de sua criação, das experiências vividas pelo autor e da posição ocupada por este durante as guerras. Em outras palavras, são construções diretamente resultantes de processos históricos.<sup>26</sup>

Para o caso da Antiguidade Tardia, ainda é possível observamos a existência de uma bipolaridade entre os conceitos de *bárbaro* e *romano*, embora, como afirma Walter Pohl, nesse período ela se encontrasse em um “nível mais baixo” que em séculos anteriores.<sup>27</sup> Ainda segundo Pohl, as populações bárbaras definiam-se a partir do grau de dependência ou afastamento em relação a um estado tardo-romano de natureza poliétnica.<sup>28</sup>

Nossa hipótese inicial é que as narrativas das *Guerras* não se prestavam simplesmente a uma descrição dos eventos decorridos nas batalhas, mas também (e principalmente) se propunham a tecer uma bem fundamentada justificativa para essas incursões. Essa possibilidade se torna bastante fundamentada pela adesão do historiador ao projeto imperial, percebido pela sua relação de grande proximidade com a alta hierarquia política e militar do Império. Essa posição de Procópio certamente o influenciou tanto nas formas de abordagem do tema, quanto nos conceitos utilizados pelo historiador ao longo das narrativas. Pretendemos problematizar essa posição a partir da qual Procópio teria concebido sua obra, verificando como as caracterizações feitas pelo historiador dos povos bárbaros se comprometiam com esse objetivo imperial.

## **1. Estudos sobre o tema**

Existe uma extensa bibliografia dedicada ao estudo do governo de Justiniano e as chamadas guerras de reconquista no Mediterrâneo. Seleccionamos aqui aqueles autores que se utilizaram, de maneira mais sistemática, da *História das Guerras* como principal fonte, procurando verificar

---

<sup>24</sup> GEARY, Patrick. *Op. cit.* p. 59.

<sup>25</sup> POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 39.

<sup>26</sup> *Ibid.* p. 35-49.

<sup>27</sup> *Ibid.* p. 40.

<sup>28</sup> *Ibid.* p. 48.

neles o tratamento dedicado à questão da importância do cristianismo nessas campanhas militares. Nesse ponto, interessa-nos verificar a abordagem dessa historiografia em relação ao paralelo traçado por Procópio dos combates contra bárbaros também como uma guerra contra povos arianos heréticos.

Num artigo de 1947, Claude Jenkins discorre sobre as diversas passagens na escrita de Procópio nas quais é possível perceber a religião e a política atuando nas decisões imperiais como uma única esfera de poder. Destacam-se nesse artigo as análises do historiador referentes à negação do imperador à população não cristã de participação nos sacramentos por ocasião da Páscoa<sup>29</sup> e a proposta de aliança militar entre romanos e francos contra o arianismo godo.<sup>30</sup> Para Jenkins, as guerras assumiam também a faceta de uma verdadeira cruzada religiosa.<sup>31</sup>

Alguns importantes trabalhos das décadas de 1960 e 1970 abordaram a importância das relações travadas entre a Igreja e o Império, entre o cristianismo e a política romana, durante o período de governo de Justiniano. Entre estes, Georg Ostrogorsky afirma que as pretensões de cunho “universalistas” do imperador se identificavam com a concepção de uma “Ecumene cristã”,<sup>32</sup> Diz ainda que Justiniano não seria apenas um “protetor” da Igreja, mas também seu “chefe”, tratando o papado e os patriarcados não como instituições autônomas, mas como “servos” do Império.<sup>33</sup> Para Ostrogorsky, o imperador seria não apenas o governo de uma instituição política, mas também um soberano cujo raio de atuação se estendia sobre toda a comunidade cristã, não restrita somente à hierarquia eclesiástica. Consolidava-se assim, na visão de Ostrogorsky, a ideia de um poder imperial que, para seus contemporâneos, era visto como um “vice-regente do Deus cristão na terra.”<sup>34</sup>

O projeto de “restauração” de Justiniano fora observado por Ostrogorsky como se tratando do retorno de um antigo ideal de universalismo do Império, que pretendia a “libertação” dos territórios romanos em relação ao seu domínio exercido por povos bárbaros.<sup>35</sup> Assim, as guerras se constituiriam numa tentativa de recuperação de um passado glorioso, não restrito apenas à

---

<sup>29</sup> PROCOPIUS. *De Bello Vandálico*. IV. xiv. 7.

<sup>30</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 9.

<sup>31</sup> Uma análise das duas passagens citadas encontra-se em JENKINS, Claude. *Procopiana*. *The Journal of Roman Studies*, vol., 37, 1947, p. 74-81.

<sup>32</sup> OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. p. 90.

<sup>33</sup> *Ibid.* Ressaltemos aqui que a relação de sobreposição da autoridade imperial sobre a episcopal, na Roma medieval, não fora uma exclusividade do governo de Justiniano. Sobre essa questão, ver DAGRON, Gilbert. *Empereur et prêtre; étude sur le “cesaropapisme” byzantin* e MAIER, Franz Georg. *Bizâncio*. p. 23-31.

<sup>34</sup> ANGOLD, Michael. *Bizâncio. A ponte da Antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 25. Sobre a relação entre o poder político e cristianismo no Império Bizantino, consultar também DAGRON, Gilbert. *Op. cit.*

<sup>35</sup> OSTROGORSKY, Georg. *Op. cit.* p. 83.

questões territoriais, mas estendido a um campo cultural romano ainda mais amplo, destacando, por exemplo, a codificação do direito e a busca por uma unidade romana cristã.<sup>36</sup>

Contemporâneo de Ostrogorsky, Peter Brown também destaca, em seu estudo, uma ideia de universalismo romano, a partir da restauração do que Justiniano considerava “províncias perdidas do ‘seu’ império”.<sup>37</sup> Também destaca a importância da presença dos exércitos bizantinos na Itália, o que teria garantido proteção militar aos privilégios do papado romano pelos séculos seguintes.

Em estudos mais recentes, J. A. S. Evans e Charles F. Pazdernik também se dedicam a analisar a relação entre elementos cristãos e a política militar no período de Justiniano. Evans, assim como Jenkins, também destaca a negação da participação de não católicos do norte da África tanto nos serviços religiosos quanto na ocupação de cargos públicos do império. Ressalta ainda que, desde 535, os bispos católicos da região reclamavam, junto ao imperador, a imediata retomada das propriedades da Igreja, que estariam sob domínio de sacerdotes arianos.<sup>38</sup>

Charles Pazdernik, num trabalho que compara a construção da escrita de Procópio nas *Guerras* com a do historiador grego clássico Tucídides, procura demonstrar como as guerras de Justiniano se legitimariam como uma forma de “libertação” dos povos nativos em relação ao domínio bárbaro. Analisando as narrativas da *Guerra Vândala* e a *Guerra Gótica*, Pazdernik afirma que as campanhas militares buscavam resgatar uma unidade romana na Península Itálica e norte da África, baseada num discurso que atrelava a liberdade com a inclusão dessas populações novamente ao mundo romano. Para o autor, um dos elementos de maior importância para a consolidação dessa ideia de unidade encontrava-se justamente no pertencimento, de toda comunidade romana, ao mesmo culto cristão. Dessa forma, a religião representava um argumento fundamental para a legitimação das campanhas militares de Justiniano no século VI.

Também para Averil Cameron, especialista no estudo da Antiguidade Tardia, foi o arianismo das populações godas que possibilitou a representação das guerras pela restauração do antigo Império no Mediterrâneo como um tipo de cruzada religiosa,<sup>39</sup> haja vista a perseguição feita por Justiniano aos pagãos e

---

<sup>36</sup> *Ibid.* pp. 88-89.

<sup>37</sup> BROW, Peter. *O fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. p. 142.

<sup>38</sup> EVANS, J. A. S. *The Age of Justinian*. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996. p. 134.

<sup>39</sup> CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996. p. 44.

desviantes da fé.<sup>40</sup> Entretanto, ao fazer essa análise a partir da obra de Procópio de Cesareia, Cameron afirma que o historiador a fez combinando uma visão tradicionalista, conservadora e cristã própria com a imitação de um modelo de escrita de história antiga clássica, baseado nos antigos gregos Heródoto e Tucídides.<sup>41</sup> Ou seja, para a autora, o que as *Guerras* apresentam é uma sutil combinação entre o pessoal e o imitativo, entre o tradicional e o contemporâneo em Procópio.<sup>42</sup> Cameron afirma ainda que as *Guerras* apresentam uma visão artificial do autor, cuidadosamente composta numa tradição historiográfica antiga que, além de fixar um estilo da escrita, condiciona também o próprio conteúdo de uma história secular.<sup>43</sup> Nesse sentido, suas narrativas estariam subordinadas aos preceitos e convenções próprios de seu estilo historiográfico.

## **2. Relação entre barbárie e heresia na *História das Guerras***

Um elemento essencial nessa política “expansionista” e “libertadora” de Justiniano era a sua estreita ligação com a defesa do culto cristão em relação a práticas religiosas consideradas heréticas, visto ser aquela a religião oficial do Império desde fins do século IV. Além disso, o crescimento e a expansão do cristianismo tiveram importantes consequências no mundo romano: serviu para que a religião organizasse o reagrupamento de uma hierarquia social ao redor da corte imperial. Esse movimento fez ainda com que o cristianismo ganhasse espaço entre romanos, em depreciação da antiga cultura clássica.<sup>44</sup> Assim, concordamos com Ostrogorsky e Pazdernik, ao percebermos que o pertencimento ao mundo romano medieval implicaria diretamente o pertencimento a uma comunidade cristã. Por outro lado, a ideia de barbárie era associada quase que diretamente a populações cujo culto religioso fosse de um tipo considerado herético pelos romanos.

Quando nos debruçamos em estudo da *História das Guerras*, logo é possível estabelecermos algumas relações, traçadas por Procópio, entre uma concepção de barbárie e de heresia. Na *Guerra Vândala*, por exemplo, o historiador apresentou uma descrição das nações godas que tomavam posse das terras de Honório, afirmando que entre os mais importantes povos godos

---

<sup>40</sup> CAMERON, Averil. Justin I and Justinian. In: *The Cambridge Ancient History*. XVI. Late Antiquity Empire and Successors. A.D. 425-600. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 69.

<sup>41</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 5 e 45. Ver também: J.A.S. EVANS, *op. cit.* p. 219, ADSHEAD, K. The Secret History of Procopius and its Genesis. In: *Byzantium*. Tome LXIII. Bruxelles: Boulevard de l'Empereur, 1993. p. 13. MOMIGLIANO, Arnaldo. *op. cit.*, p. 74. BROWN, Peter. *O fim do Mundo... op. cit.*, p.147, 189.

<sup>42</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996. p. 45.

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 24.

<sup>44</sup> BROW, Peter. The Later Roman Empire. *The Economic History Review*, vol. 20, n. 2, 1967. p. 337-338.

estavam os Vândalos, Visigodos e Gépidas. Entretanto, Procópio minimizou as diferenças entre eles, dizendo que, exceto pelos nomes, não há mais nada que os distingua uns dos outros:

ουτοιαπαντες ονομασι μεν αλληλωνδιαφερουσιν, ωσπερ ειρηται, αλλω δε των παντων ουδενι διαλλασσουσι. λευκοι τε γαρ απαντες τα σωματα εισι και τας κομας ξανθοι, ευμηκεις τε και αγαθοι τας οψει, και νομοις μεν τοις αυτοις χρονται, ομοιως δε τα ες τον θεον αυτοις ησκηται.

São todos brancos, cabelos curtos, altos, formosos e usam as mesmas leis e praticam uma religião comum.<sup>45</sup>

Este último ponto tem importância especial em nosso trabalho. Sobre a religião dos godos, afirmou Procópio: της γαρ Αρειου δοξης εισιν απαντες, (...). “São todos de fé ariana, (...)”.<sup>46</sup> Mais adiante, já na *Guerra Gótica*, Procópio deixou claro que o arianismo era visto pelos romanos como um pensamento religioso herético.<sup>47</sup>

Uma vez que o historiador apresentou os povos godos como tendo uma homogeneidade de características físicas, culturais e, em especial, religiosas, era possível a Procópio apresentar também uma mesma motivação que fundamentasse as campanhas de Justiniano, não sendo necessário discorrer sobre grandes variações nas justificativas dos ataques imperiais contra essas diferentes populações. Lembremos aqui, citando Walter Goffart, que a denominação “godo” era aplicada a povos com características muito diversas, englobando desde populações advindas do leste do Mediterrâneo aos sucessores de Alarico nas regiões da Itália, Espanha e Gália.<sup>48</sup>

É nesse contexto que as guerras contra as populações godas foram descritas por Procópio como a defesa de uma fé “justa” pelo Império Romano, dirigida contra povos de características religiosas heréticas, sem que houvesse entre eles qualquer exceção. São elementos como estes que dão às guerras de Justiniano o aspecto de uma “cruzada religiosa”, como afirma Cameron.

A atuação do poder imperial a partir de premissas religiosas não era algo estranho no mundo romano medieval. Uma possível fundamentação ideológica está no modelo do poder imperial no período, que unia, na pessoa do governante, uma autoridade que reunia ao seu redor uma esfera de poder

---

<sup>45</sup> PROCOPIUS, *De Bello Vandalico*. III. ii. 3-4.©

<sup>46</sup> PROCOPIUS, *De Bello Vandalico*. III. ii. 5.

<sup>47</sup> Veja citação da nota 22.

<sup>48</sup> Cf. GOFFART, Walter. Los Bárbaros en la Antigüedad Tardía y su Instalación en Occidente. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. *La Edad Media a debate*. Madri: Ediciones Akal, 2003. p. 53.

político e religioso.<sup>49</sup> Como exemplo, citamos uma passagem da *Guerra Vândala*, em que Procópio descreveu um encontro de Justiniano com um padre oriental. Nela, o historiador deixou transparecer sua percepção (e, provavelmente, de seus contemporâneos) do poder imperial como um tipo de autoridade que, direta ou indiretamente, era guiada por uma inspiração divina:

Των δε τις ιερεων ους δη επισκοπους καλουσιν, εκ της εωας ηκον εφη ες λογους τω βασιλει ελθειν βουλευσθαι. και επειδη αυτω ζυνεμιξεν, ελεγεν οι τον θεον επισκηψαι οναρ γενεσται τε ως βασιλεια και αυτον αιτιασασθαι οτι δη Χριστιανος τους εν Λιβυον ρυεσθαι εκ τυραννων υποδεξαμενος ειτα λογω ουδενι κατωρρωδησε.

Mas um dos padres, que eles chamam bispo, que tinha vindo do Oriente, disse que desejava ter uma palavra com o imperador. E quando se encontrou com Justiniano, disse que Deus tinha lhe visitado num sonho e o ordenou a ir até o imperador e repreendê-lo porque, depois da tarefa de proteger os cristãos dos tiranos na Líbia, ele não tinha nenhuma boa razão para temer.<sup>50</sup>

O encontro acima narrado pode ser entendido, à primeira vista, como uma aproximação de Justiniano com o modelo constantiniano de imperador que, segundo a tradição cristã bizantina, teria recebido sinais divinos em sonho antes da conhecida batalha da Ponte Mílvia, em 312.<sup>51</sup> Por outro lado, vemos também que a manifestação dessa mensagem divina ao imperador não se dá de maneira direta, como no caso de Constantino, mas intermediada por um destacado membro da hierarquia eclesiástica.

Sobre esse ponto, há que se destacar a proximidade do imperador com os altos cargos da hierarquia da Igreja e, também, o fato de essa hierarquia se voltar ao governante na busca de proteção, não apenas para as possessões romanas, mas também para os próprios cristãos do Império (tidos também como súditos).<sup>52</sup> Dessa forma, as descrições referentes ao imperador Justiniano na *História das Guerras* tratam de um governante que, ao ter como meta a recuperação da antiga grandiosidade romana, preocupara-se também com a

---

<sup>49</sup> Para uma discussão sobre a natureza do poder imperial bizantino, ver RUNCIMAN, Steven. *A teocracia bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, DAGRON, Gilbert. *Empereur et prêtre; étude sur le "cesaropapisme" byzantin*. Paris: Éditions Gallimard, 1996 e TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia bizantina; fundamentos ideológicos e significado histórico*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Tese de doutorado.

<sup>50</sup> PROCOPIUS, *De Bello Vândalico*. III. x. 19.

<sup>51</sup> Cf. RUNCIMAN, Steven. *Op. cit.* pp.13-14.

<sup>52</sup> Sobre a relação entre o poder imperial bizantino e a Igreja cristã, ver OSTROGORSKY, Georg. *História del Estado Bizantino*. Madri: Akal, 1984. pp. 90-91, e MAIER, Franz Georg. *Bizâncio*. Vol. 13. México: Siglo Veinteuno, 1986, p. 23-31.

proteção da crença cristã, da Igreja enquanto instituição e da população cristã frente aos inimigos heréticos. Afinal, a estrutura autocrática do poder imperial romano medieval, da qual trataram autores como Gilbert Dagron, Franz G. Maier e Georg Ostrogorsky, fazia do cristianismo um elemento fundamental na constituição desse modelo de governo. O fato de o imperador, enquanto maior responsável pela defesa militar do cristianismo, ser descrito como um indivíduo guiado por manifestações de uma mensagem divina, conferia um forte grau de legitimidade às intervenções dos exércitos de Justiniano no Mediterrâneo, como no exemplo da proteção aos cristãos da Líbia, do caso acima.

Ainda na *Guerra Vândala*, Procópio descreveu algumas proibições emitidas pelo imperador à população de culto ariano, não pertencente à fé cristã “justa” ou “correta”. Entre essas proibições, encontramos aquela que impedia esses indivíduos da participação em alguns ritos e até mesmo dos sacramentos da Igreja romana:

εν το Ρομαιων στρατοπεδο της Αρειου δοξης ουχ ησσον η χιλιους στρατωτας ειναι ξυνετεσεν. ων δη οι πολλοι βαρβαροι ησαν και αυτων τινες εκ του Ερουλων εθνος. τουτου δη οι των βανδιλων ιερεις ες την στασιν το μαλιστα ωρμων. ου γαρ σφισιν ην δυνατα τω θεω εξοσιουσθαι τα ειωθοτα, αλλα απεκεδλειντο και μυστηριον και ιεροω απαντωων. ου γαρ ει α βασιλευς Ιυστινιανος ανδρα Χριστιανον ου μεταλαχοντα δοξης ορθης η βαπτισματι η αλλω τω μυστηριων χρεσται. μαλιστα δε αυτους η Πασχαλια εορτη ξυνεταραξε, καθ ην ουχ οιοι τε εγινοντο τα σφετερα αυτων παιδια τω θειω λουτρω, η αλλο τι εργαζεσθαι ες ταυτην δη την εορτην αγον.

No exército romano havia não menos que mil soldados de fé ariana; e a maior parte deles era bárbara, alguns deles sendo da nação heruliana. Esses homens eram então impelidos ao motim pelos padres dos vândalos com o máximo ardor. Por isso não foi possível para eles cultivar Deus do jeito que eles estavam acostumados, mas foram excluídos tanto dos sacramentos quanto dos ritos sagrados. Pois o imperador Justiniano não permitia a nenhum cristão que não tivesse uma esposa de crença justa receber o batismo ou algum outro sacramento. Mas a maioria deles estava agitada pela festa da Páscoa, durante a qual eles não poderiam batizar seus próprios filhos com a água sagrada, ou participar de qualquer outra coisa pertencente a essa festa.<sup>53</sup>

Vemos aqui não apenas o quanto o poder imperial interferia em questões ligadas ao cristianismo, mas também como dele se utilizava para

---

<sup>53</sup> PROCOPIUS, *De Bello Vandalico*. IV. xiv. 11-15. A expressão “crença justa” tem aqui o mesmo significado daquele da nota 22, ou seja, uma forma de culto considerada a “correta” pelos romanos, em oposição à fé ariana.

fazer-se prevalecer sobre populações cuja tradição religiosa fosse considerada herética. A decisão de excluir os soldados arianos dos ritos e sacramentos significava uma represália à instigação de motim pelos sacerdotes vândalos, além de ser uma demonstração de superioridade do Império cristão sobre o arianismo dos bárbaros. Destaca-se também o fato de a autoridade imperial exercer suas prerrogativas tanto sobre a Igreja, enquanto instituição, e sua hierarquia eclesiástica, como também no controle sobre a participação dos fiéis nos ritos e sacramentos.

A relação entre objetivos político-militares e questões religiosas – mais especificamente cristãs – era legitimada não pela pessoa do imperador Justiniano em si, mas pela natureza autocrática do poder imperial no século VI. Estamos diante de um império cristão, no qual a autoridade absoluta era exercida pelo governante. Trata-se de um tipo de poder que lida diretamente com questões de cunho político, militar e também religioso. Não se trata de um governo que transita por diferentes esferas do poder, mas de uma autoridade de governo cuja natureza única é composta por elementos diversos.

Não se trata de uma simples união das estruturas de poder político e eclesiástico, como se pode supor à primeira vista. A união entre o político e o religioso, o temporal e o espiritual, constitui, no caso romano medieval, um tipo de poder muito mais complexo. Gilbert Dagron,<sup>54</sup> cuja obra analisa detalhadamente esse modelo de governo, demonstra que, na autocracia bizantina, observa-se em torno da autoridade imperial uma relação muito mais sutil entre as esferas temporal e espiritual do que uma simples fusão das instituições Estado e Igreja. Para Dagron, colocar “nessas duas palavras todas as relações mútuas e os difíceis cruzamentos que podem envolver o imperador bizantino com a hierarquia eclesiástica é evidentemente uma falta de método”.<sup>55</sup> Trata-se, nas palavras do autor, de um verdadeiro sacerdócio na estrutura de poder, que se manifestaria através da figura do imperador, “em termos de poder e não de instituição [...]”.<sup>56</sup> Assim, para o autocrata romano, a relação entre o espiritual e o temporal constituiria um tipo de união indissociável, formadora de uma única esfera de poder, impossibilitando, por isso, uma análise em separado uma da outra.

A atuação do poder imperial na relação entre questões religiosas e político-militares não se restringia à figura do governante. É possível perceber, pelas narrativas de Procópio, a existência de uma ampla rede de atuação do poder imperial por meio daqueles que, de alguma forma, agiam em seu nome nas campanhas. Um exemplo é encontrado também na *Guerra Gótica* quando, ao

---

<sup>54</sup> DAGRON, Gilbert. 1996 *Empereur et prêtre; étude sur le “cesaropapisme” byzantin*. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

<sup>55</sup> Citado por TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia bizantina; fundamentos ideológicos e significado histórico*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Tese de doutorado. p. 301.

<sup>56</sup> *Ibid.* p. 305.

narrar o ataque do rei godo Totila à cidade de Roma, o historiador fez um breve registro da ação de generais dos exércitos imperiais contra sacerdotes de tendências arianas:

οι δε του Ρομαιων στρατου αρχοντες υψοριαπολλη ες των Αρειανων το υς ιερειας εχομοι εξω της πολεως κατεστησαντο ευθυς απαντας.

[...] mas os comandantes do exército romano tinham sérias suspeitas contra os padres arianos e, conseqüentemente, removeram todos estes da cidade imediatamente.<sup>57</sup>

Nas narrativas da *Historia das Guerras*, não encontramos por parte de Procópio, contestações a essas premissas do poder imperial. Isso pode se dever ao fato de não haver, entre os contemporâneos do historiador, questionamentos de cunho político ou ideológico que pusessem em dúvida as decisões imperiais nas guerras contra os bárbaros. Por outro lado, acreditamos que essa ausência de críticas mais severas à política imperial se deva ao fato de Procópio, ao conceber a *História das Guerras*, ocupar o cargo de conselheiro de Belisário. Segundo o próprio historiador, era essa posição de proximidade do general e testemunha dos fatos narrados que confeririam maior grau de confiabilidade a seus relatos:

και οι αυτω ξυνηπιστατο παντων μαλιστα δυνατος ων ταδε ξυγγραψαι δ ατ'αλλο μεν ουδεν, οτι δε αυτω ξυμβουλω ηρημενο Βελισαριω τω στρατ εγω σκεδον τι απασι παραγενεσται τοις πεπραγμενοις ξυνετεσε.

Além disso, ele [Procópio, falando de si próprio] não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque caiu para sua sorte, quando foi apontado conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos.<sup>58</sup>

Portanto, quando o historiador escreveu a *História das Guerras*, o fez a partir de uma posição de proximidade junto à alta hierarquia política e militar romana do período. Isso nos permite pensar na adesão do seu autor ao projeto de restauração da antiga grandiosidade romana, estando sua escrita inserida nesses grandiosos objetivos, no século VI. Outro ponto a ser ressaltado é que, provavelmente por ser conselheiro do general e enviado pelo imperador junto

<sup>57</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, ix, 21.

<sup>58</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico* I. i. 3.

ao exército, Procópio não tivesse expressado abertamente suas opiniões pessoais ou críticas à política imperial de Justiniano no período.<sup>59</sup>

O fato é que o cristianismo se mostra na *História das Guerras* como um elemento preponderante na tomada de decisões durante os combates. Isso tanto para justificar ataques a exércitos inimigos quanto para fundamentar a formação de uma aliança militar dos romanos com algum outro povo. Na *Guerra Gótica*, Procópio reproduziu uma carta do imperador Justiniano, destinada aos reis francos, apresentando a eles uma proposta para a formação de uma aliança entre os dois exércitos, visando a um fortalecimento militar no combate contra os godos na Itália. Os argumentos apresentados pelo imperador para convencer os reis francos se baseavam no fato de, tanto estes quanto os romanos, comungarem de uma fé cristã comum, que não aceitava os preceitos religiosos do arianismo praticado pelos godos. Diz o texto da carta:

Διοπερ ηνεις μεν σπρατενιν επαυτους ηναγκασμεθα, υμας δε εικος  
ξυνδιαφεπειν ημιν πολεμον τονδε, ον ημιν κοινων ειναι ποιει δοξα τε ορ  
θη, αποσειομενη την Αρειανοων γνωμην, και το ες Γοτθους αμφοτερων ε  
χθος.

Por essa razão nós temos sido obrigados a tomar o campo contra eles [godos] e é próprio que vocês [francos] devessem juntar-se a nós nessa guerra, que é feita suas tanto quanto nossa, não apenas pela fé de justo louvor, que rejeita a opinião dos arianos, mas também pela inimizade que ambos sentimos pelos godos.<sup>60</sup>

Esse trecho mostra claramente a importância que o cristianismo assumiu, na *História das Guerras*, como um elemento fundamental na elaboração de argumentos que legitimavam a tomada de decisões ao longo das campanhas. Na citação acima, é o culto cristão dito “justo” que serve de fundamento tanto para a formação de uma aliança militar do exército imperial com uma população não romana (os francos), como também para justificar ataques a povos bárbaros, cujas práticas religiosas fossem consideradas heréticas.

Entretanto, o aspecto religioso, que antes servira para aproximar romanos e francos, se tornou a pedra fundamental de uma crítica de Procópio a esse mesmo povo, porém num momento em que tal aliança não se mostrou mais frutífera:

---

<sup>59</sup> Suas críticas mais severas ao casal imperial, Justiniano e Teodora, e também ao general Belisário, estão reunidas em uma obra a parte, postumamente publicada com o título *História Secreta*.

<sup>60</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 9.

οι γαρ βαρβαροι ουτοι, Χριστιανοι γεγονοτες, τα πολλα της παλαιας δοξης φυλασσοσυσι, θυσιας τε χρωμενοι ανθρωπος και αλλα ουχ οσια ιερειοντες, ταυτη τε τας μαντειας ποιουμενοι.

Pois esses bárbaros, embora tenham se tornado cristãos, preservam grande parte de sua antiga religião; pois eles ainda fazem sacrifícios humanos e outros sacrifícios de natureza profana, e é de acordo com estes que eles fazem suas profecias.<sup>61</sup>

Mais adiante, Procópio relatou outra contestação em relação à crença dos francos, apresentada por parte de um enviado romano ao rei godo Vitígio,:

ως ημεις γε ηδεως αν Φραγγους εροιμεθα τινα ποτε μελλοντες ομεισθαι θρονον το της πιστεως υμιν εχυρον ισχυριζονται δωσειν.

E de fato nós, de nossa parte, teríamos prazer em perguntar aos Francos por qual deus eles podem possivelmente pretender jurar quando eles declaram que vão dar a vocês a segurança da lealdade deles.<sup>62</sup>

No livro VII da *Guerra Gótica*, gópidas e lombardos enviaram mensageiros a Justiniano, visando à formação de uma aliança militar. Um dos argumentos apresentados pelos lombardos (posteriormente escolhidos pelo imperador para a formação de tal acordo), se fundamentava na fé comum existente entre estes e os romanos:

συ δε, ω βασιλευ, διασκοπουμενος οσα ενδεεστερωσ η κατα την χρειαν ημιν ειρηται, τα 'Ρωμαιοσ τε και Λαγγοβαρδαισ τοισ σοισ ξυνοισοντα πρ ασσε, τουτο προς τοισ αλλοισ απασιν εννοων, ως ημιν μεν αμφι τω θεω ομογνωμονουσι το εξ αρχης συντεταξονται Ρωμαιοι δικαιοσ, τοισ δε Αρειανοισ ουσι και δι αυτο τουτο απ' εναντιασ χωρησουσι.

Mas te pedimos, ó Imperador, que depois cuidadosamente pensando o que nós temos dito menos adequadamente do que os fatos merecem, tome o curso da ação que redundará para o benefício de ambos, Romanos e Lombardos, chamando a atenção para isso, em adição a todas as outras considerações, que enquanto os romanos tomarão partido justamente conosco, vendo que nós estamos em acordo desde o início em relação à religião, eles estarão em oposição para nossos oponentes pela simples razão que eles são Arianos.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 10.

<sup>62</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxviii, 18.

<sup>63</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, xxxiv, 24.

É possível percebermos, pelos excertos acima, a importância que o culto cristão, de tradição conciliar seguido pelos romanos, assumia na construção de uma identidade romana no século VI. É o pertencimento a uma fé cristã “justa” que legitimou tanto a formação de alianças militares para os combates, quanto o ataque a populações inimigas de culto tido como heréticos.

Analisando as passagens aqui citadas da *História das Guerras*, é possível perceber que, no plano teórico e argumentativo, a guerra pela retomada de antigas possessões romanas junto aos povos bárbaros assumia, na escrita de Procópio, um declarado confronto entre, de um lado, um exército imperial cristão e, de outro, populações de tipos de culto considerados heréticos. Entretanto, é preciso esclarecer que o objetivo das guerras de Justiniano era a restauração do Império, em seu sentido mais amplo (restauração dos limites territoriais e de uma identidade cultural). Nesse contexto, o cristianismo representava um importante elemento na constituição desse Império a ser restaurado, apesar de não ser esta a meta primeira da política de Justiniano.

Nesse sentido, a caracterização do inimigo bárbaro como um elemento contrário à fé cristã do Império acrescentava aos godos um atributo que era diretamente contrário a um princípio fundamental na constituição da identidade romana do século VI. Assim, a busca pela recuperação de um passado grandioso, de extensas fronteiras e de uma identidade comum, passava pela ideia de se promover a “liberdade” das populações do Mediterrâneo frente à dominação de um governo bárbaro, tido ainda como herético, ou, em outras palavras, um governo que não era nem romano, nem cristão.

### **3. Um propósito para a escrita de Procópio**

A partir das análises da *História das Guerras* aqui propostas, combinadas com os estudos apresentados, posicionamo-nos em relação a esse quadro historiográfico. Primeiramente, procuramos seguir em nossa pesquisa o caminho apresentado por historiadores como Jenkins e Pazdernik, no que diz respeito à importância do cristianismo na constituição de uma ideologia legitimadora do projeto restaurador de Justiniano. Assim como esses autores, pensamos na religião cristã como um elemento fundamental na identificação de uma identidade romana no século VI, o que o tornava também um dos pilares na construção de argumentos que justificassem o ataque a populações bárbaras, ou seja, povos que, de alguma forma, ameaçavam a pretensa unidade imperial no Mediterrâneo. Nesse sentido, as análises aqui esboçadas abordam o cristianismo como peça chave na constituição da cultura e da noção de pertencimento a uma comunidade romana na Antiguidade Tardia, não estando restrito a relações puramente institucionais entre o Império e a Igreja, autoridade política e hierarquia eclesiástica.

Tomamos ainda, com especial atenção, os estudos de Averil Cameron. Como já mencionado, a autora afirma que a escrita da *História das Guerras* é fortemente penetrada pela visão pessoal de Procópio, que seria compartilhada por uma elite de proprietários do período.<sup>64</sup> Além disso, Cameron afirma que o conteúdo da *História das Guerras* seria condicionado por elementos pessoais de Procópio combinados ao estilo da tradição clássica antiga, utilizada na obra. Por tudo isso, o historiador não expressaria por completo, nessa obra, as tensões que cercavam o governo imperial no século VI.<sup>65</sup>

Entretanto, ao examinarmos os textos da *História das Guerras*, percebemos que foram escritos num momento em que Procópio seguia junto às tropas imperiais nas campanhas do Mediterrâneo e que era também conselheiro particular do general Belisário, como visto anteriormente.

Não desconsideramos os dados levantados por Cameron, no que diz respeito ao caráter aristocrático, conservador e cristão de Procópio, além do estilo clássico de sua escrita, como fatores que influenciaram diretamente a composição de suas narrativas. Contudo, acreditamos que Procópio, ao elaborar argumentos que tornavam justificáveis e legitimadas as incursões imperiais no Mediterrâneo, os fazia não apenas a partir de sua visão pessoal ou do grupo ao qual pertencia na sociedade, mas também pelo posto ocupado por Procópio em relação à estrutura do poder político e militar do Império, claramente definida pelo próprio historiador.

Pensamos a construção da *História das Guerras* como uma escrita adequada ao projeto de Justiniano de restauração das antigas fronteiras imperiais. Sendo assim, suas narrativas não se constituiriam somente em descrições das batalhas, mas seriam textos elaborados para servirem a esse projeto imperial, apresentando um embasamento ideológico fundamental a tal empresa. Pela posição de proximidade de Procópio com a estrutura de governo do império e com o comando dos exércitos nas guerras, é pouco provável que ele tenha experimentado uma grande liberdade para expressar opiniões pessoais divergentes da política imperial nessas histórias.

Nesse sentido, podemos afirmar que, na *História das Guerras*, as descrições de Procópio referentes à religiosidade dos povos bárbaros, em especial dos godos, estariam intimamente articuladas com as ambições imperiais de retomada da antiga grandiosidade romana. Sua escrita deve ser entendida pelo pesquisador como tendo sido produzida por um historiador que, ao mesmo tempo, aderiu ao projeto militar imperial e teve esse mesmo projeto como elemento balizador de seus escritos. Dessa forma, a argumentação de Procópio, que aproxima as ideias do *bárbaro* inimigo ao *herético*, acabou

---

<sup>64</sup> CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. Londres: Duckworth, 1996, p. 23, 137, 145, 203 e 207.

<sup>65</sup> *Ibid.* pp. 22-24.

servindo como um dos pilares que alicerçavam ideologicamente as campanhas imperiais no norte da África e na Itália. Seguindo esse pensamento, o ataque a esses povos bárbaros seria tomado pelo historiador como um ataque justo, uma vez que se tratava de povos heréticos que, por isso, corrompiam a unidade da cristandade romana do período. Era dessa forma, tornando legítimas e fornecendo fundamentação ideológica às campanhas de Justiniano no Mediterrâneo, que a obra *História das Guerras* e, para este trabalho específico, as descrições que aproximam o bárbaro do herético, se inserem no contexto da política justiniana.

Não pretendemos, com isso, afirmar que a escrita da *História das Guerras* seja, toda ela, resultante das pressões políticas e relações de proximidade do autor com os poderes imperial e militar. Entretanto, consideramos estes últimos fatores como preponderantes nas escolhas dos conceitos trabalhados e da forma como o historiador aborda o tema em sua escrita. O fato de Procópio ter reservado a um outro conjunto de textos, posteriormente intitulados *História Secreta*, suas mais severas críticas ao casal imperial, Justiniano e Teodora, e também ao general Belisário e sua esposa Antonina, torna essa hipótese ainda mais verossímil.

Portanto, temos em conta que as descrições dos bárbaros como hereges apresentam traços pessoais de Procópio e também do grupo aristocrático do qual era proveniente. Contudo, pela posição a partir da qual o historiador concebeu suas narrativas, consideramos a escrita da *Historia das Guerras* como um trabalho diretamente comprometido com a política militar do Império no século VI, trazendo ao leitor um ponto de vista pró-romano dos acontecimentos por ele testemunhados. Assim sendo, acreditamos que a aproximação entre a concepção do bárbaro e do herege tinha uma clara função dentro da obra de Procópio: tornar legitimadas e justificadas as incursões militares imperiais no Mediterrâneo no século VI, visando à restauração de um poder romano total no norte da África e Itália.

### **Considerações finais**

O que nos propusemos neste trabalho foi, a partir de alguns excertos da *História das Guerras*, investigar como Procópio de Cesareia articulou os conceitos de bárbaro e herético em sua obra, consolidando a questão da religiosidade cristã como uma das bases fundamentais para a legitimação do projeto político-militar de Justiniano. Entretanto, devemos reafirmar que a luta em favor de um culto cristão dito “justo” contra práticas heréticas se constituía, em Procópio, essencialmente em uma base ideológica para as campanhas do Império no Mediterrâneo, não sendo este o objetivo principal nem das incursões militares romanas, nem mesmo das narrativas do historiador.

No período historiograficamente chamado de Antiguidade Tardia, a aceitação de ideias como as apresentadas na *História das Guerras*, relacionando argumentos de natureza religiosa como fundamentação ideológica política e militar, era favorecida pelo ambiente culturalmente cristão do Império. A faceta de luta religiosa do projeto expansionista de Justiniano não foi algo criado por Procópio. A escrita do historiador se dera dentro desse espaço cultural, em que tais ideias não seriam estranhas nem à estrutura de poder à qual se submetia, nem a seus contemporâneos. O que, em sociedades contemporâneas ocidentais, pode parecer uma mescla entre argumentos de diferentes naturezas (política e religiosa), não representa qualquer forma de divergência ou incoerência junto aos leitores de Procópio. A distinção entre uma ideologia de natureza puramente religiosa e outra política se deve muito mais a uma construção historiográfica moderna que a uma possível não distinção desses elementos por parte do autor.

A análise que aqui apresentamos é voltada basicamente a questões historiográficas na escrita de Procópio. Em nosso estudo, não temos como foco a análise dos conflitos militares do Império no Mediterrâneo, a história política e militar do governo de Justiniano, ou ainda uma reflexão em torno das práticas religiosas cristãs no mundo romano do século VI. Entretanto, acreditamos que trabalhos que se dedicam a uma melhor compreensão das narrativas de Procópio de Cesareia, seus propósitos e o significado dos conceitos com os quais o historiador trabalhou, possibilitam ao pesquisador que se dedica ao governo de Justiniano um trato mais cuidadoso com as especificidades referentes à principal fonte do período, indispensável ao estudo de temas como os acima citados.